

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA – UNILA

“Anais do I Encuentro de Estudios Sociales desde América Latina y el Caribe: cenários
linguístico-culturais contemporâneos”
07, 08 e 09 de novembro de 2013 - UNILA

FOZ DO IGUAÇU - 2016



O MÉTODO DA ECONOMIA POLÍTICA E A INTERPRETAÇÃO CRÍTICA EM MARIÁTEGUI – UM ENSAIO

Marcus Bernardes¹ Cíntia Pina²

INTRODUÇÃO

Em 1849, Marx publica uma conferência dirigida aos operários na Alemanha dois anos antes intitulada de Trabalho Assalariado e Capital. Neste livro estão presentes as primeiras categorias econômicas que desencadearia um estudo maior sobre a Economia Política. Neste mesmo ano, muda-se para a Inglaterra e aprofunda seus estudos durante anos. Em 1859 publica parte das suas pesquisas em um livro intitulado Contribuição à Crítica da Economia Política. É importância deste livro para o presente trabalho está justamente ligado à análise do método da economia política em um de seus capítulos, único texto de Marx dedicado às questões metodológicas.

Contribuição à Crítica da Economia Política apresenta aspectos básicos e abstratos das pesquisas desenvolvidas por Marx sobre o capital e seus desdobramentos, críticas em relação à Escola Econômica Clássica, problematizando o capitalismo, mostrando suas limitações e crises e o caracterizando como uma fase histórica da sociedade humana. Destacam-se aqui, a partir do seu famoso Prefácio, três pontos centrais da obra que implicam pensar que as questões metodológicas em sua obra possuem uma importância fundamental para as ciências sociais. Primeiro de que as relações jurídicas e as formas do Estado devem ser entendidas a partir das condições materiais de existência em sua totalidade, ou seja, existe uma interdependência entre as estruturas sociais (infra e superestrutura). Segundo que a anatomia da sociedade burguesa deve ser compreendida através da Economia Política e esta é a principal justificativa que compõe a crítica do livro e seu ponto de partida para desenvolver sua obra de maior expressão: O Capital. Terceiro, seria a afirmação da necessidade do entendimento dialético nos processos sociais, já que é preciso explicar a sociedade pelas contradições da vida material, pelos conflitos entre as forças produtivas e as relações de produção. Na Introdução do referido livro (Contribuição à Crítica da Economia Política), Florestan Fernandes destaca importantes consequências do método proposto por Marx. A

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

² Graduanda em Comunicação Social pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

ideia de que as generalizações de leis sociais e econômicas só possuem inteligibilidade para sociedades particulares e em um determinado tempo histórico. A noção de que a história é feita pelos homens, mas não como estes querem, mas a partir de certas condições materiais; a noção de interdependência dos fatos sociais bem como das relações dialéticas entre infraestrutura e superestrutura.

Karl Heinrich Marx nasceu em cinco de maio de 1818, na cidade de Trier, na região da Renânia que pertencia a Prússia e hoje é parte da Alemanha. Sua família possuía origem judaica, mas como forma de conter as restrições que a família recebia, seu pai se converteu ao protestantismo. Após os estudos secundários no Liceu de Tréveris, Marx passa por três universidades, obtendo o título de doutor em filosofia pela Universidade de Jena em 1841. No ano seguinte assume a direção da Gazeta Renana, onde escreve diversos textos que são censurados, um ano depois se muda para a França. Entre os anos de 1844 e 1848 publica várias das suas mais famosas obras (A Sagrada Família, Teses sobre Feuerbach, A Ideologia Alemã, Miséria da Filosofia, Manifesto do Partido Comunista), muitas em parceria com Friedrich Engels, desenvolvendo uma ampla atividade política também. Marx morre no ano de 1883, contudo seu pensamento é um estrondo nas concepções das ciências ditas históricas em desenvolvimento na Europa e sua herança intelectual é fundamental para compreender diversas atividades, tanto no âmbito político quanto intelectual, que a América Latina começa a sofrer já nos primeiros anos do século XX.

Nas primeiras décadas do século XX, José Carlos Mariátegui (nascido em Moquegua, Peru em 1894) começa a se interessar pelas ideias socialistas, se aproximando do movimento comunista e estudando o marxismo na Europa. Em 1924, de volta ao Peru, participa da Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA) que inicialmente tinha uma proposta antiimperialista. Quatro anos depois rompe com a APRA e funda o Partido Socialista do Peru, filiado à Internacional Comunista. Mariátegui é o primeiro autor original marxista da América Latina, pensando um marxismo partindo da realidade singular latino americana. Sua principal tese concerne em defender a tradição comunitária dos indígenas como forma de transformação social e revolução. Assim como na Europa o proletariado era a antítese da burguesia, tendo como síntese a sociedade comunista organizada pelos trabalhadores; na América Latina, especificamente no Peru em um escopo mariateguista, a escravização dos indígenas peruanos seria a antítese da organização colonial espanhola, logo o comunismo

incaico a síntese de todo esse processo histórico. Em 1930, Mariátegui morre, o Partido Socialista do Peru transforma-se em Partido Comunista do Peru.

SETE ENSAIOS DE INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE PERUANA

No mesmo ano em que rompe com a APRA e é fundado o Partido Socialista Peruano, Mariátegui, em 1928, publica os 7 Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana. O autor não se limitou a reproduzir o marxismo que conheceu na Europa, procurou utilizando as ferramentas metodológicas das obras de Marx e marxistas (russos, alemães, italianos), elaborar uma análise original da realidade latino americana. Dos sete ensaios, os três primeiros (Esquema da Evolução Econômica, O problema do índio, O problema terra) constituem importância central para o presente trabalho que busca relacionar a metodologia em Marx com a análise ligada às questões econômicas e agrárias abordadas por Mariátegui. Os quatro ensaios ulteriores (O processo da educação pública, O fator religioso, Regionalismo e centralismo, O processo da literatura) trazem uma análise da superestrutura peruana, já que esboça sobre os aspectos jurídicos, passando pela educação, religião e arte. Os sete ensaios, neste sentido, visto como um todo é uma análise dialética, estabelecendo relações de interdependência entre a infraestrutura e a superestrutura, tendo como crítica constante a organização colonial espanhola e o sistema político republicano que excluiu e oprimiu o índio de todo o processo. O socialismo indo-americano não pode se afastar da figura indígena, já que o comunismo incaico seria a base desta nova sociedade. Os caminhos a serem trilhados era a de análise da realidade peruana, tendo em vista os povos oprimidos trabalhadores, camponeses e indígenas para a formação de um partido socialista.

Antes da organização do Império Inca, os indígenas peruanos viviam em um regime de comunismo agrário. Mesmo com um império despótico e centralizador, o ayllu (a forma incaica de comunidade) existia como principal estrutura econômica. A chegada dos espanhóis, para Mariátegui, desestruturou a economia agrária inca, sendo substituída por uma colonização de exploração que visava maior produtividade. Através das encomiendas, mitas, ponguaje, os índios são escravizados e os grandes latifúndios se sobrepõem às antigas comunidades. Contudo, determinados fatores culturais indígenas não são perdidos neste processo, o espírito coletivista, de cooperação está presente nestes povos, constituindo sua principal força revolucionária.

Diferentemente das visões ortodoxas de que na América Latina deveria se desenvolver primeiro o capitalismo que formaria um proletariado para uma futura revolução, Mariátegui investigou a peculiaridade histórica da América Latina, construindo uma força antiimperialista e revolucionária a partir destes povos:

Cremos que, entre as populações “atrasadas”, nenhuma reúne, como a população indígena inca, condições tão favoráveis para que o comunismo agrário primitivo, subsistente em estruturas concretas e no profundo espírito coletivista, transforme-se, sob a hegemonia da classe proletária, numa das bases mais sólidas da sociedade coletivista preconizada pelo comunismo marxista. (MARIÁTEGUI; 2005; 144).

A problemática da terra relaciona-se inteiramente com a questão indígena em sua análise da realidade peruana. Aliando a reivindicação indígena à reforma agrária, Mariátegui abre espaço para todo um debate econômico que relaciona diferentes sujeitos (os espanhóis, os criollos, os indígenas) e civilizações (a Espanha, colonialista e católica e o Império Inca, colonizado, com uma religiosidade própria, Tawatinsuyo) que inevitavelmente abarca fatores políticos, sociais, culturais e religiosos. Verifica-se então que a partir do problema da terra e da questão indígena, o autor perpassa por diferentes categorias de análise, sendo uma aproximação metodológica com o exemplo da categoria população utilizada por Marx no método da economia política.

O MÉTODO

Para Marx um estudo sobre economia deve começar a partir de algo concreto e real, a população. Os sete ensaios de Mariátegui, trazendo os aspectos econômicos, políticos, religiosos e culturais da realidade peruana é um método de análise para compreender a questão indígena historicamente. O conceito de população em si, é apenas uma abstração se ignorado as classes e, estas, são vazias sem compreender as bases materiais e as contradições em que as mesmas se erigem.

A construção do conceito de classe social não se resume à interpretação marxista e, nem foi uma criação da mesma. Ao longo da História Ocidental – desde os pensadores gregos aos economistas clássicos da Inglaterra – o conceito de classe social variou em função dos interesses e do contexto histórico em que estavam inseridos. A peculiaridade de Marx foi conferir um caráter científico ao conceito e, introjetar a classe social como base *sine qua non* da sociedade; de forma sistemática e progressiva no decorrer de suas investigações. Para

compreender o conceito de classe social para Marx, é fundamental inseri-lo na lógica da dialética materialista. O método analítico abstrai do todo econômico, categorias (conceitos) <que são elementos simples e universais. Este método era utilizado pelos economistas clássicos, porém eles não situavam historicamente tais categorias. O método sintético faz o movimento de retorno, através da investigação lógica e histórica, Marx estabelece as categorias e as situa historicamente; este é o método histórico e dialético. As diversas conceitualizações de classe social nas obras de Marx podem ser planos distintos de um mesmo processo analítico sintetizante. Partindo desta análise teórica inserida no plano abstrato, determina-se o conceito de classe segundo seus diversos níveis abstratos.

O primeiro nível de abstração é a análise do modo de produção. Este seria o resultado/síntese, grosso modo, das forças produtivas (meios de produção agregado ao conhecimento tecnológico e o ambiente físico da produção) e das relações sociais de produção em um determinado contexto histórico. Estes elementos adquirem um aspecto contraditório quando se baseiam na propriedade privada, transformando as classes sociais em agentes antagônicos do funcionamento da sociedade. Neste ínterim, a luta de classes é um fator essencial na compreensão do conceito de classe social. A luta de classes, para Marx, é o motor da história, se integrando ao conceito de consciência de classe. Este conceito não pode ser estudado de modo isolado das formas históricas concretas de produção.

Esta ideia está presente na análise contida em o Manifesto do Partido Comunista, no qual se divide a sociedade em duas grandes classes dicotômicas: os proprietários e os não-proprietários dos meios de produção, ou seja, opressores e oprimidos. O segundo nível, a estrutura social, está situado no processo de concreção progressiva. A análise deve determinar o universo físico e histórico das relações de classes em sua dinâmica social. A consciência de classe relaciona-se às condições específicas e interesses sociais definidos teoricamente sob uma estrutura social particular. Como terceiro nível encontra-se a situação social que se aproxima da descrição de uma sociedade concreta. O último nível é a conjuntura. O estudo das classes sociais torna-se mais profundo quando analisado em uma conjuntura específica. Assim em O Capital, são apresentadas três classes sociais em função da investigação econômica e política de Marx: os capitalistas, os proprietários de terra e os trabalhadores assalariados (SANTOS; 1982).

Voltando para o exemplo da população como ponto de partida dos estudos da Economia Política, Marx propõe três momentos de investigação. No primeiro momento

(concreto pensado) a população é uma representação caótica do todo; no segundo momento (abstração das abstrações) mediante várias análises se chega a categorias mais simples, do concreto representado a determinações mais simples. O terceiro momento (retorno para o real) é o movimento de volta para a categoria de população, porém esta não é mais uma representação caótica do todo, mas uma rica totalidade de determinação e relações diversas.

Em Marx, o concreto aparece no pensamento como resultado, síntese. Elevar-se do abstrato ao concreto é apenas um meio de se apropriar do real pelo pensamento. Outra concepção metodológica é a de que o simples pode ser explicado através do complexo, Marx exemplifica relacionando a anatomia do homem como ponto de partida para entender a anatomia do macaco. Estruturalmente isso equivale a dizer que a economia burguesa é a chave de resposta das economias antigas, embora se devam levar em consideração as diferenças históricas. Só através da crítica de si mesma, que o estudo da economia burguesa levará a respostas para compreender a economia feudal, antiga. O dinheiro, neste sentido, sendo uma categoria simples, existiu historicamente antes da categoria mais concreta e complexa (o capitalismo), mas não pode existir em seu pleno desenvolvimento. Apesar da taxionomia – simples e complexas – para as sociedades, mostrando influências das correntes evolucionistas de sua época; Marx aponta perspectivas históricas singulares como formas de relativização, no qual até as categorias abstratas são produtos de condições históricas específicas:

Doutro lado, pode-se dizer há formas de sociedade muito desenvolvidas, embora historicamente não tenham atingido ainda sua maturidade, nas quais se encontram as formas mais elevadas da economia, tais como a cooperação, uma divisão do trabalho desenvolvida, sem que exista nelas o dinheiro; o Peru, por exemplo. (MARX; 2008; 261).

É justamente levando em consideração estas realidades específicas que Mariátegui constrói uma análise original sobre o Peru. A observação de Marx sobre a cooperação como uma forma de trabalho desenvolvida é o espírito coletivista do comunismo incaico apontado por Mariátegui como uma condição histórica do Peru para desenvolver a luta socialista no país.

Mariátegui aborda o problema do índio atrelado a uma questão econômica, mas especificamente agrária e, não em termos humanistas liberais que, no caso brasileiro, estes defendiam a abolição da escravidão africana para ampliação de um mercado consumidor. É preciso desmistificar (ou seja, analisar indo além da aparência) que a questão indígena no Peru

não é um problema de ordem administrativa, pedagógica, étnico ou moral, mas um problema da terra. E isto se conecta à liquidação do feudalismo que se expressam no latifúndio e servidão. Para o autor o regime da propriedade da terra determina a política da nação, no qual a revolução de independência não extinguiu as bases de servidão do período colonial. O regime colonial espanhol desorganizou a economia incaica. O povo incaico era estruturalmente uma civilização agrária, a propriedade coletiva da terra e a cooperação no trabalho eram suas principais características. Contudo, o esquema colonial mostrou-se materialmente ineficaz no sentido de assegurar a subsistência da população; com suas práticas de extermínio do povo indígena, onde a solução apresentada foi a importação de escravos. O trabalho nas minas tornou o índio escravo.

No período colonial os jesuítas utilizavam o comunismo indígena para fins de catequização mantendo a propriedade comunitária. As Leis das Índias amparavam teoricamente a propriedade indígena que sobrevivia dentro de um sistema de cobranças de tributos e servidão para as figuras dos encomenderos, que eram os grandes latifundiários. O liberalismo da república nega o amparo formal à comunidade, adotando uma nova política que defendia o latifúndio e atacava a propriedade indígena, na prática continua a servidão e a situação dos índios piora. Mariátegui aponta o paradoxo de que o governo republicano, uma estrutura política de princípios burgueses e liberais, mas que na prática imperavam-se os interesses dos grandes proprietários de terras. Assim a comunidade indígena foi a única propriedade a sofrer as consequências desse liberalismo deformado. A análise de Mariátegui, portanto, utiliza da dialética para perceber todo este processo histórico de contradições e assim, compreender a situação indígena presente no Peru em que o autor vivia.

CONCLUSÃO

O presente artigo, em uma forma mais ensaística, buscou traçar conexões entre a proposta metodológica de Marx e a interpretação da realidade peruana de Mariátegui. O autor dos 7 Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana, considerado como o primeiro pensador marxista original da América Latina, tem o seu pioneirismo embasado na percepção de que o próprio método dialético necessita ser aplicado tendo em vista que cada momento histórico possui suas próprias contradições e conflitos. O método da economia política, ou

melhor, a crítica e a proposta de um modelo analítico, percebido em Marx, pode se atrelar ao desenvolvimento esboçado por Mariátegui sobre o povo incaico.

Para se compreender a discussão entre dialética e Ciências Sociais é fundamental entender o pensamento de Marx; e o pensamento de Marx é sobretudo uma reflexão sobre o capitalismo. A sua ativa participação política nos debates de sua época e sua extensa pesquisa histórica são outras características essenciais. A realidade, neste ínterim, é apreendida como movimento, transformação (IANNI; 1989). Mariátegui é um autor em que se pode perceber esta apreensão da realidade, no qual o pesquisador necessita refletir profunda e demoradamente sobre o real.

REFERÊNCIAS

IANNI, Octávio. **A sociologia e o mundo moderno**. Tempo Social - Revista de Sociologia. USP, 7-27, 1989.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Por um Socialismo Indo-Americano: Ensaios escolhidos**. Seleção e Introdução Michael Lowy. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana**. São Paulo: Expressão Popular, Clacso, 2010.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

NAVES, Márcio Bilharinho. **Marx: Ciência e revolução**. São Paulo: Moderna, 2000.

SANTOS, Theotonio. **Conceito de Classes Sociais**. Tradução de Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 1982.